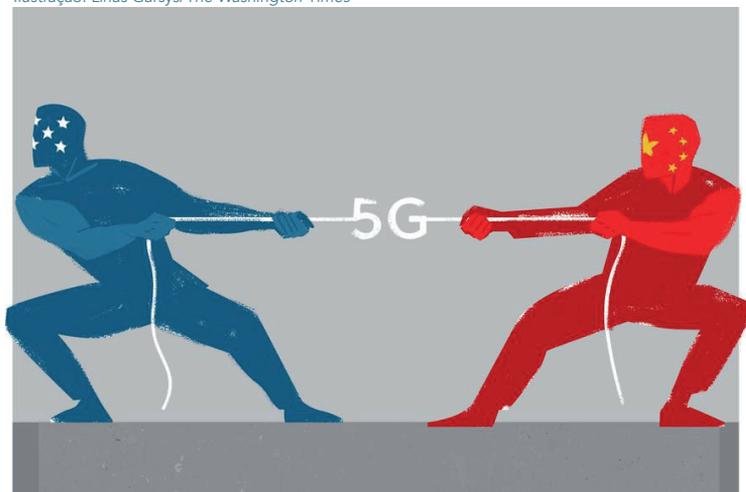


Notas Internacionais

Internacional notes

por Ana Prestes*

Ilustração: Linas Garsys/The Washington Times



Confronto do século — EUA versus China

Aos poucos vão se tornando nítidos os traços do que parece ser o grande embate hegemônico do século. A pandemia, e seu falso dilema *economia versus vida*, teve o efeito de tornar mais visível a contradição do sistema hegemônico mundial, que se desenvolve de forma acelerada. Com uma população três vezes e meia maior do que a dos EUA, a China teve quase 30 vezes menos óbitos pela covid-19. Ficou patente o nível superior de organização do Estado e da sociedade para enfrentar crises dessa natureza. Acuado frente à realidade pungente, o império norte-americano reagiu com acusações de que se tratava de um “vírus chinês”, retirou-se da OMS, aumentou a guerra comercial e os ataques a empresas chinesas de alta tecnologia, estimulou as manifestações separatistas em Hong Kong, respaldou o separatismo de Taiwan, fomentou o conflito indo-chinês na fronteira do Himalaia e instigou conflitos nas regiões do Tibete e de Xinjiang, bem como no Mar do Sul da China. Por sua vez, a China fortalece sua capacidade militar dissuasória e estabelece sólidas alianças com a Rússia, o Irã e outras nações igualmente ameaçadas pelos EUA e a OTAN. Desenvolve colaboração mais estreita com a OMS e outros organismos multilaterais, envia insumos, equipamentos médicos e equipes de saúde para dezenas de países, cancela o serviço da dívida de países africanos e anuncia que tornará a descoberta de uma eventual vacina contra o coronavírus um “bem público mundial”. Defende os princípios da não ingerência, da autodeterminação dos povos, do multilateralismo e do desenvolvimento compartilhado e mutuamente benéfico. A disputa entre os EUA e a China em torno da participação no mercado da tecnologia 5G no Brasil é uma das faces mais evidentes do embate do século.

União Europeia

A Alemanha assumiu em primeiro de julho a presidência *pro tempore* da União Europeia. Esta pode ser a última vez que Angela Merkel dirige o bloco e há muita expectativa quanto à presidência dela. Não são temas singelos os que ela tem sobre a mesa. A começar pela aprovação do plano Next Generation de 750 bilhões de euros de recuperação econômica pós-pandemia que há meses vem sendo costurado. Os países do norte, como Áustria, Holanda, Suécia e Finlândia continuam reticentes quanto ao plano, pois não admitem que os do sul — como Itália, Espanha, Grécia e Portugal — recebam ajuda “sem ter feito por merecer” (política fiscal). Outro tema espinhoso é a conclusão do Brexit, assim como o acordo UE-Mercosul, que ela defende, mas sofre muita resistência em vários países europeus, e a relação com OTAN e EUA em matéria de defesa da região e aproximação com China e Rússia. Tudo isso está na pauta do dia.

Palestina

Israel avança na anexação de territórios da Palestina. A política encontra resguardo no Plano do Século anunciado por Donald Trump. O propósito é anexar o Vale do Rio Jordão, uma ampla faixa de terra fértil contígua com cerca 100 mil colônias judaicas da Cisjordânia, além de deslocar palestinos para uma área nos arredores de Jerusalém, “liberando” Jerusalém Oriental. Netanyahu vem chamando as colônias da Cisjordânia de Judeia-Samaria em uma alusão ao nome bíblico do território, uma estratégia diversionista de comunicação sobre seus atos. O Conselho de Segurança da ONU, à exceção do voto dos EUA, considerou o projeto como uma tentativa de “acabar com os esforços internacionais a favor da criação de um Estado palestino viável”. Desde o princípio o plano foi rejeitado pela Autoridade Nacional Palestina, Liga Árabe e União Africana. A União Europeia também rejeitou a maioria do texto.

Aumenta o poder de Putin na Rússia

Na Rússia, avança a consolidação de Vladimir Putin no poder. O gigantismo das comemorações dos 75 anos da vitória do exército soviético sobre os nazistas foi uma demonstração de sua confortável situação política interna. Conseguiu também reformar o texto constitucional da era Ieltsin. Agora, legalmente, poderá ficar no poder até 2036. Caso isso se concretize, serão quase 40 anos de era Putin. A última etapa das reformas na Constituição, previamente aprovadas pela Duma (parlamento russo), foi um referendo popular em que o “sim” venceu com quase 80% dos votos. Entre as mudanças, estão a possibilidade do presidente em exercício concorrer a mais dois mandatos de seis anos, a instituição do salário mínimo nacional, superioridade das leis nacionais sobre qualquer resolução internacional e previsão de casamento apenas entre um homem e uma mulher. Os pontos mais polêmicos foram quanto à extensão das possibilidades de reeleição e o veto ao casamento homoafetivo.



Efeitos da pandemia na América Latina

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) acaba de atualizar suas projeções para a contração da atividade econômica na região como decorrência da pandemia. Segundo a organização, tanto os choques externos quanto os internos tornaram-se mais fortes do que o previsto até abril. Na época a estimativa de queda da região era em torno de 5%; hoje é em torno de 9% para 2020. A América do Sul lidera com 9,4% de projeção de queda. A América Latina é hoje o epicentro global da pandemia e o Brasil é o líder disparado em número de infectados e mortos. De acordo com dados da Cepal, o desemprego regional vai chegar a 13,5% ao final do ano, atingindo mais de 40 milhões de pessoas (18 milhões a mais do que em 2019). Só para comparação, com a crise financeira de 2008 o desemprego na região saiu de 6,7% em 2008 para 7,3% em 2009. O número de pessoas em situação de pobreza vai saltar de 185,5 milhões (2019) para 230,9 milhões, quase 40% da população latino-americana. As pessoas em situação de extrema pobreza serão quase 100 milhões ao final do ano, pouco mais de 15% da população regional.

Questão ambiental

Não fosse a pandemia do novo coronavírus, um dos grandes debates da atualidade estaria sendo a questão ambiental. O Brasil se encontra no centro dessa questão, especialmente pela condução da política ambiental pelo governo Bolsonaro. A postura do governo brasileiro ameaça inviabilizar a ratificação do acordo comercial Mercosul-União Europeia, não tanto pela justeza da causa ambiental, mas pelo uso dela por setores protecionistas europeus. Há também retirada de investidores e importantes aportes, como ao Fundo Amazônia, por conta do descaso do governo com tratados internacionais como o Acordo de Paris e outros da mesma natureza. A ampla vitória dos verdes nas eleições municipais na França e o crescimento da pauta na opinião pública mundial, como se percebe com a influência de ativistas como Greta Thunberg, é um aspecto importante do atual cenário internacional e deve ganhar mais força com a superação da pandemia.

* Socióloga, doutora em Ciência Política (UFMG) e analista internacional.

Leia as notas internacionais de Ana Prestes todas as semanas nos sítios *I21*, *Ópera Mundi*, revista *Fórum*, blog *O Cafezinho* e portal *Vermelho*.